

ALUSÕES ENTRE *O MISTÉRIO DA CASA VERDE* E *O ALIENISTA*

José Radamés Benevides de Melo¹

Vânia Lúcia Menezes Torga²

RESUMO

Neste artigo, nosso objetivo é investigar a alusão como estratégia de leitura de *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista* e com (inter)textos, (inter)discursos, falas sociais, silêncios. Compreendemos, dessa forma, que, para atingirmos o objetivo proposto, é preciso estabelecer um diálogo entre as teorias do dialogismo (BAKHTIN, 1980), da heterogeneidade constitutiva e enunciativa da linguagem (AUTHIER-REVUZ, 1983) e da alusão (TORGA, 2001) com as obras literárias em questão como auxiliar no processo de leitura aqui proposto.

Palavras-chave: Dialogismo, Heterogeneidade constitutiva e enunciativa, Alusão.

ABSTRACT

In this article, our objective is to investigate the allusion as a strategy for reading of *O mistério da Casa Verde* in dialogue with *O alienista* and with (inter)texts, (inter)discourses, social speeches, silences. We understand, therefore, that to reach that objective, we must establish a dialogue between the theories of dialogism (BAKHTIN, 1980), constitutive and enunciative heterogeneity of language (AUTHIER-REVUZ, 1983) and allusion (TORGA, 2001) with literary works in question as an aid in the reading process proposed here.

Keywords: Dialogism, Constitutive and enunciative heterogeneity, Allusion.

1 INTRODUÇÃO

¹ Especialista em Literatura Comparada e Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IF Baiano; radamesbenevides@hotmail.com

² Professora Dr^a Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC; vltorga@uol.com.br

Neste artigo, nosso objetivo é investigar a alusão como estratégia de leitura de *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista* e com (inter)textos, (inter)discursos, falas sociais, silêncios. Para atingirmos nosso objetivo, inicialmente, procedemos à leitura de *O mistério da Casa Verde*; em seguida, a leitura de *O alienista*, obra por nós já conhecida, mas que, nesse momento da leitura, em que fomos conduzidos à narrativa machadiana pela narrativa de Scliar, entra num diálogo que mobiliza novos e diferentes jogos de sentido. Então, a metodologia de pesquisa acabou se confundindo com a metodologia de leitura, nosso método de pesquisa é, na verdade, os procedimentos de leitura que elaboramos e que utilizamos para ler *O mistério da casa verde* em diálogo com *O alienista*. Nesse processo de leitura, surgiram várias hipóteses e uma delas é central: a alusão, enquanto elemento heterogêneo, dialógico e discursivo que é, nos coloca em diálogo com os leitores de Scliar e com os leitores de Machado, além de nos ligar a inter e intradiscursos, textos, falas sociais, esquecidos, vazios que são retomados, reconstruídos, re-significados, num movimento de ir e vir de sentidos, mediado pela memória.

2 SOBRE A ALUSÃO

Fundamentada na fenomenologia dialética de Karel Kosik (1985), na teoria da heterogeneidade da linguagem de Authier-Revuz (1990) e no dialogismo bakhtiniano (1980), Vânia Torga, na sua dissertação *O movimento de sentido da alusão: uma estratégia textual da leitura de “Ler, escrever e fazer conta de cabeça”, de Bartolomeu Campos Queiroz*, concebe a alusão como uma categoria textualizadora na medida em que impulsiona o movimento dos sentidos/significados, intertextos, interdiscursos etc. no ato da leitura. Desse modo:

a alusão é perturbadora, sutil: exige do leitor um compromisso com a construção da narrativa, que tem uma história e precisa ser por ele reconstruída com a prática da cooperação. A alusão é a estratégia mediadora dos movimentos do intradiscorso, do interdiscorso, da intertextualidade (TORGA, 2001, p. 7).

De imediato, percebemos o caráter dialógico da concepção de alusão nos apresentada por Torga (2001) no trabalho já citado. Colocando em diálogo conceitos como os de memória, metáfora, metonímia, heterogeneidade, dialogismo e estratégias de leitura, ela nos mostra a complexidade dialógica e heterogênea que compõe o conceito de alusão.

Para realizar o movimento de sentido, intra e interdiscursivo, textual e intertextual, a alusão exige da memória que resgate fragmentos, inteiros, partes, todos, esquecidos que, de alguma forma, estão relacionados com o texto a ser atualizado. E isso acontece quando um todo fragmentado em partes é reconstituído através da leitura alusiva que, justamente por ser alusiva, permite sua reconstituição. Por isso, entendemos que:

a alusão não tem o papel de apenas fazer avançar/recuar a narrativa: os fios condutores da história, se é que há tais fios. As alusões vão formando a figura do todo – a partir dos índices – pequenas citações, enquanto partes desse todo. Formam, elas, os nexos entre as pequenas partes e o todo que engloba estas partes com a ação dos significados da mediação que fazem o ir e vir da parte para o todo e vice-versa e indiciam as peças que o leitor empírico, vestido de leitor-modelo, vai articulando com o todo em reconstituição (TORGA, 2001, p. 10).

Assim, a alusão se constitui num movimento que vai da parte ou das partes para o todo, ou do todo para as partes ou parte. Ainda segundo Torga (2001):

a alusão é esse movimento dialógico centro/margem/centro – todo/parte/todo – fenômeno/essência/fenômeno. O centro alude à passagem que as margens indiciam nas entrelinhas, nas lacunas. Devido a isso, a alusão enquanto produto, na sua imediaticidade, indicia, metodologicamente, o processo de investigação e pesquisa que se situa no plano da mediaticidade (TORGA, 2001, p. 13).

Esse movimento de que estamos falando é possível porque a memória funciona na articulação dos saberes, dos interdiscursos e dos esquecimentos a fim de promover a constituição de sentidos. Compreendendo a memória como geradora e articuladora central de saberes interdiscursivos, compreendemos que ela também é social, histórica, discursiva, textual, o que nos permite dizer que, por isso, “a alusão lida com lembranças e, também, com o esquecimento de que é parte” (TORGA, 2001, p. 57).

Enquanto estratégia dialógica que é, a alusão se mostra heterogênea já que aponta sempre para um outro, seja através da metáfora, da metonímia, da citação, da referência, do pastiche, da paródia, da parte que nos leva a um outro para compreendermos um todo. Sendo assim, percebemos que “nenhum jogo alusivo se mantém se não houver a diferença entre todo e parte, logo a relação de parte e de todo é marcada constitutivamente pela heterogeneidade” (TORGA, 2001, p. 45).

De acordo com essa perspectiva de abordagem, esse movimento dialógico da alusão é esclarecedor, já que, em todos os diálogos estabelecidos por nós entre *O mistério da Casa*

Verde e *O alienista*, percebemos essas relações também alusivas metáfora/metonímia/metáfora (condensação/dispersão/condensação, parte/todo/parte, etc.).

3 ALUSÕES ENTRE *O MISTÉRIO DA CASA VERDE* E *O ALIENISTA*

Quando Simão Bacamarte fala algo, seu dito se apresenta trespassado pelo discurso da ciência e com ele toda sua autoridade e caráter de verdade. Se algum outro personagem afirmasse algo como “você está louco”, não seria levado a sério porque não estaria investido da autoridade científica como está Bacamarte.

Por exemplo, Simão é o puro cientista; a professora Isaura traz consigo o discurso didático; Eduardo é o discurso da ciência moderna ou contemporânea, Artur veicula o discurso da solidariedade, a própria organização narrativa nos aponta, na perspectiva de Eco (2006), os bosques das fábulas policiais clássicas (a presença do mistério, o detetive – o leitor –, um mistério solucionado etc.). Por isso, afirmamos que *O mistério da Casa Verde* se configura numa obra literária heterogênea e, conseqüentemente, passível de uma leitura através da alusão enquanto estratégia de mobilização de sentidos mediada pela memória. Assim, podemos dizer também que:

Ela [a memória] é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, p. 31, 2001.)

A memória entraria nesse trabalho com o discurso, como mediadora do interdiscurso, já que ela atualiza as significações dos já-ditos.

Independente do que dissemos até agora, é aquilo que chamamos de interdiscurso, o que faz mobilizar elementos que vão entrar em contato com uma nova formação discursiva, com novos enunciados para, a partir daí, atualizar os sentidos. Esse trabalho de recorrer aos já-ditos, aos já-falados, ao pré-existente para atualizar os significados de um discurso que se diz agora é uma função mediadora da memória. Desse modo, o trabalho da memória aparece como interdiscurso, e esse interdiscurso torna o trabalho com a discursividade algo heterogêneo porque precisamos do “outro” para a construção do significado desse enunciado ou discurso. Em razão disso, o interdiscurso constrói a heterogeneidade constitutiva da linguagem; por isso, no momento da produção dos enunciados e da leitura, haverá a

recorrência à memória, e essa memória acionará elementos de interdiscursos porque precisamos dos já-ditos, dos pré-existentes, ou seja, de todo o saber discursivo necessário que torna possível todo o dizer que se retoma e que retorna sob a forma de pré-construído. Desse modo, precisamos do pré-construído e do pré-existente para construir esse saber, para tentar construir esse sentido para o discurso do agora. O interdiscurso é, portanto, um elemento fundamental para a construção da heterogeneidade da linguagem e/ou do discurso.

Podemos observar essa heterogeneidade nos seguintes fragmentos de *O mistério da Casa Verde* e de *O alienista*, assim como, os movimentos de sentido que nos levam à narrativa machadiana a partir d'*O mistério*, e vice-versa:

*Os moradores das redondezas o evitavam. Preferiam até atravessar a rua a passar na frente da casa. Havia razões para tal temor: em Itaguaí, todos diziam que a centenária Casa Verde era mal-assombrada. As mães, quando queriam ameaçar os filhos – porque não comiam, porque recusavam ir para a cama – recorriam a uma tradicional ameaça:
– Olha que eu vou botar você na Casa Verde, e de lá você nunca mais sai (SCLIAR, 2004, p. 12).*

Fragmento denotador dos costumes do povo de Itaguaí, com exemplificações cotidianas e a formulação de um imaginário popular – a centenária Casa Verde era mal assombrada –, o passado é retomado através dessa passagem e ao mesmo tempo que percebemos isso notamos que o discurso da casa mal assombrada foi inscrito nas formações discursivas da comunidade, inclusive na sua vida cotidiana. O fato de a mãe ameaçar o filho dizendo que ele será levado para a Casa Verde por causa de suas traquinagens silencia a história “factual-fictícia” da própria Casa Verde e de Itaguaí. Por que a Casa Verde é mal assombrada? É algo que está tão presente, tão às vistas dos moradores de Itaguaí, que eles não se dão conta de que, através desse discurso silenciador, há uma narrativa formada também por várias outras formações discursivas. Por isso, podemos afirmar que há uma voz silenciadora, uma voz esquecida e dispersa por traz da fala dessa mãe. Essa fala é alusiva a um passado histórico-discursivo que só é retomado quando interdiscursos, a partir da alusão, são acionados para a atualização dessa mesma fala.

*Com a Casa Verde ninguém brincava. Apesar de ela ter sido celebrada por Machado de Assis em *O alienista*, ou talvez até por causa disso, muitos itaguaenses achavam que era melhor evitar o assunto. Que era objeto de polêmica. A professora Isaura, por exemplo, que lecionava no segundo grau da Escola Itaguaí, era uma entusiasta defensora da obra do grande escritor. É preciso ler *O alienista*, sustentava, para entendermos o passado de nossa cidade, e para desfazer as lendas sobre a Casa Verde (SCLIAR, 2004, p. 12).*

Numa perspectiva, a professora Isaura, diferentemente, da mãe da passagem anterior, vê a Casa Verde como símbolo histórico-memorial com a função de explicar o passado da cidade. Professora de Literatura da Escola Itaguaí e integrante da comunidade desse município, as alusões presentes em suas falas e nas falas que reproduzem seu pensamento nos levam, num movimento de sentido, para formações discursivas ligadas aos discursos didático e pedagógico. Quem fala é um professora de Literatura, que valoriza o conteúdo e a disciplina que leciona, conferindo-lhe importância histórico-discursiva através do registro de *O alienista*. Por trás desse discurso de filiação didático-pedagógica fala uma crítica especializada que conferiu à obra machadiana diversas importâncias e não a voz folclórica de uma comunidade imersa no senso comum. “É preciso ler *O alienista*, sustentava, para entendermos o passado de nossa cidade...” é uma fala alusiva ou uma alusão a esse discurso, próximo ao discurso científico, que se contrapõe ao discurso do senso comum, presente na fala da mãe que ameaça seu filho e próprio da comunidade de Itaguaí.

Por que se dizia que a Casa Verde era mal-assombrada? Nunca ficou bem claro: as origens da lenda perdiam-se no tempo. Sabia-se – e daí teria se originado a obra de Machado – que ali funcionara, em outros tempos, um hospício, um lugar para loucos (SCLLAR, 2004, p. 12-3).

Fica clara, nesse trecho, a dispersão dos esquecidos, da voz sem nome de que fala Courtine (1984). “Por que se dizia que a Casa Verde era mal-assombrada? (...) as origens da lenda se perdiam no tempo”. O narrador, ao mesmo tempo em que apresenta a dispersão de esquecidos, contribui para a criação do mistério na narrativa. De nada se sabe, apenas que o prédio havia sido um hospício no passado. A fala social, e da comunidade, de que a Casa Verde era mal-assombrada é exemplar desse caráter heterogêneo da linguagem que estamos apresentando neste artigo. Ser uma Casa mal-assombrada envolve mais ainda o edifício histórico nas artimanhas do mistério. Ao leitor cabem algumas perguntas: será que a Casa Verde é realmente mal-assombrada? Se o for, de quem são os fantasmas que povoam seu interior? De Simão Bacamarte e dos “loucos” por ele tratados? O leitor espera respostas porque não é apenas um grupo de garotos que sofre com a história do lugar, mas toda a comunidade se envolve porque ela própria espalha o discurso do passado lendário. Esse falar social – a Casa Verde é mal-assombrada – faz-se presente no cotidiano da população de Itaguaí e ao leitor deixa dúvidas sobre a veracidade dos fatos. Assim, nas páginas 12 e 13, o leitor poderia lançar uma questão que já se mostra no título da própria obra: qual é o mistério da Casa Verde?

Como pastiche das grandes narrativas de mistério da literatura universal, *O mistério da Casa Verde* propõe segredos, esconde informações, deixa lacunas, para seu leitor realizar o jogo e cumprir sua função – fazer *a máquina preguiçosa funcionar*. Esse aspecto heterogêneo como veremos no próximo trecho, aparece numa citação do Corão. Vejamos:

A tal aludia o dístico gravado sobre o frontispício: “São veneráveis os loucos: Deus tirou-lhes o juízo para não pecarem”. Entre parênteses, o nome do suposto autor, o papa Benedito VIII. De fato, a frase era do Corão, o livro sagrado dos muçulmanos; a menção ao papa era para evitar conflitos com os católicos (SCLLAR, 2004, p.13.)

Alusão à predominância católica do século XIX no Brasil, como, aliás, se observa até hoje, segundo estatísticas do IBGE³, outra perspectiva de leitura para a passagem que se encontra no frontispício da Casa Verde seria a ligação que hoje se faz entre o Islamismo e o terrorismo asiático-oriental, o que de certa forma poderia levar o leitor a pensar no terrorismo de Simão Bacamarte como metáfora do terrorismo apresentado na mídia mundial.

De qualquer forma, o comentário do narrador de *O mistério da casa verde* delimita a interpretação do dístico. Sempre sob as palavras, “outras palavras” são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar os indícios da “pontuação do inconsciente” (AUTHIER-REVUZ, 1983, p. 28). E é justamente isso que pretendemos com os comentários desses reveladores fragmentos das obras aqui investigadas. Assim como o dizer da teórica francesa se concretiza no trecho comentado neste parágrafo, não o deixa de ser nos demais. Nessa perspectiva, em Machado de Assis, lemos o seguinte:

Cerca de trinta pessoas ligaram-se ao barbeiro, redigiram e levaram uma representação à Câmara.

A Câmara recusou aceitá-la, declarando que a Casa Verde era uma instituição pública, e que a ciência não podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua.

—Voltai ao trabalho, concluiu o presidente, é o conselho que vos damos.

A irritação dos agitadores foi enorme. O barbeiro declarou que iam dali levantar a bandeira da rebelião e destruir a Casa Verde; que Itaguaí não podia continuar a servir de cadáver aos estudos e experiências de um déspota; que muitas pessoas estimáveis e algumas distintas, outras humildes mas dignas de apreço, jaziam nos cubículos da Casa Verde; que o despotismo científico do alienista complicava-se do espírito de ganância, visto que os loucos ou supostos tais não eram tratados de graça: as famílias e em falta delas a Câmara pagavam ao alienista...

—É falso! interrompeu o presidente.

—Falso?

³ Segundo último censo divulgado pelo IBGE (2000), o Brasil é de fato uma nação em que a maioria da população se considera católica.

—*Há cerca de duas semanas recebemos um ofício do ilustre médico em que nos declara que, tratando de fazer experiências de alto valor psicológico, desiste do estipêndio votado pela Câmara, bem como nada receberá das famílias dos enfermos (ASSIS, p. 40).*

Nessa passagem, notamos a interlocução entre o falar social da comunidade e o falar social/político, representado pelos integrantes da câmara de vereadores de Itaguaí. Esses discursos apresentam a defesa de interesses particulares e específicos. De um lado, a comunidade se apresenta indignada com a atitude e as decisões de Simão Bacamarte. De outro, o presidente da câmara, em defesa dos ideais científicos e positivistas do século XIX, argumenta que a ciência não podia ser emendada por movimentos de rua. Nessa ocasião, o discurso indireto do barbeiro Porfírio nos indicia uma relação das atitudes do alienista e da Casa Verde com a existência de paradigmas absolutistas e monumentos que os simbolizaram, em especial a Bastilha, durante a Revolução Francesa (1789). Para o discurso da comunidade, o alienista não poderia continuar tratando os cidadãos itaguaienses de tal forma – jazendo em cubículos da Casa Verde. Em nome do progresso da ciência, portanto, era necessário o tratamento dado aos supostos pacientes de Simão. A clausura e/ou cárcere como condições de estudo, cura, crescimento da/para a ciência e seus objetos de investigação.

Isso nos faz pensar na abordagem contemporânea que se faz da loucura, a partir dos estudos de Foucault e do tratamento das psicoterapias em meados do século XX até os dias atuais. Nesse diálogo entre *O mistério da Casa Verde* e *O alienista*, percebemos que o tratamento dado à questão da loucura e à manicomial é distinta. Enquanto em *O alienista*, a loucura é trabalhada a partir do enclausuramento, da exclusão dos “loucos” do meio de convivência social; em *O mistério da Casa Verde*, há uma tentativa de aproximar “O louco” dos demais integrantes da sociedade. Numa concepção includente, por assim dizer, percebemos que, no final do século XX e início do XXI, a ciência psicoterápica vislumbra a possibilidade de se criarem laços sociais entre os portadores de psicopatologias e a comunidade.

Podemos afirmar, desse modo, que na narrativa de Machado de Assis, o discurso da ciência aparece intimamente relacionado à visão positivista de mundo que se propagou nos limiares do século XIX ao mesmo tempo em que condena, enclausura, faz sofrer para depois salvar (curar). Já em *O mistério da Casa Verde*, o discurso da ciência, cujo principal representante é o Dr. Eduardo, assume uma roupagem contemporânea e, nessa perspectiva, aparece como elemento de cura, mas através da inclusão e liberdade, e não da clausura e

exclusão, como acontece em *O alienista*. Assim, partimos de um discurso desagregador a um discurso agregador, já que Jorge consegue ser incluído no meio de convivência social.

Mas esta não é a maior atração da Sala Simão Bacamarte. A maior atração é outra coisa, uma encenação que se realiza todas as sextas-feiras à noite e que atrai até gente de outros estados – os ingressos são disputados semanas antes.

Às sextas-feiras à noite as pessoas que vão à Casa Verde têm um encontro marcado com o alienista. Que é Jorge, pai de Lúcia. Aos poucos ele foi se descobrindo como um excelente ator amador. E o que ele apresenta, às sextas-feiras à noite, é um monólogo intitulado “O alienista na Casa Verde”, extraído da obra de Machado de Assis. (SCLIAR, p. 77-8)

Visíveis diferenças entre Simão Bacamarte e Dr. Eduardo podem ser aqui explanadas a fim de que tenhamos uma visão mais detalhada do processo de construção desse diálogo.

Levantou-se da cadeira de espaldar em que estava sentado, fechou o livro, e, a passo firme e tranqüilo, foi depositá-lo na estante. Como a introdução do volume desconsertasse um pouco a linha dos dois tomos contíguos, Simão Bacamarte cuidou de corrigir esse defeito mínimo, e, aliás, interessante (ASSIS, p. 43.)

Como um rei absolutista ou um homem de grande autoridade, Bacamarte levanta-se de seu “trono” (cadeira de espaldar) e com segurança se dirige à estante. Do lugar onde se encontra ao lugar aonde vai, a gestualidade de Bacamarte descrita pelo narrador é carregada de significados construídos sócio-historicamente. Numa forte presença de alusões, percebemos nessa gestualidade a intensa marca da ciência como relativa à tranquilidade, calma, paciência, exatidão. Não é essa a proposta de cartesianos, iluministas e positivistas? Não é de se estranhar que isso seja referenciado pelos gestos de Bacamarte. E como homem de ciência, que é o alienista, toda a sua vida é orientada pelos preceitos científicos. Na correção de um “defeito” mínimo, o interessante. Interessante porque essa “correção” diz muito a respeito de sua personalidade científica. Assim como os livros não poderiam ficar desalinhados nem alguns milímetros, ocorria com o comportamento e a conduta do povo de Itaguaí; todos deveriam ter os mesmos padrões comportamentais, alinhados como livros numa estante ou como tijolos numa parede engenhosa e geometricamente arquitetada para dar conta da “simetria”, da “harmonia”, do “equilíbrio” tão ao gosto dos cartesianos, iluministas e positivistas.

Essa leitura da representação da exatidão científica presente no parágrafo anterior somente é possível porque recorremos a uma estratégia alusiva de leitura. São os movimentos de sentido guiados pelo trabalho da memória nos momentos de atualização das alusões, dos

ditos, do heterogêneo que nos faz, a partir de signos alusivos, construir sentido para o que lemos. E essa presença de alusões se dá através da presença do outro, de discursos de outros, de já-ditos no texto de Machado, o que lhe confere um caráter heterogêneo. Se não o fosse, não conseguiríamos, através da alusão, lê-lo.

Por isso, se não houver o trabalho da memória com o discurso, não acontece a heterogeneidade. Contudo, esse trabalho com o interdiscurso acontece tanto na produção quanto na recepção dos textos. Assim, tanto o produtor quanto o leitor vão mobilizar elementos de memória e de interdiscursividade para produzir ou para ler textos diferenciados. Esse interdiscurso é um elemento de heterogeneidade mostrada não marcada, ele está na linguagem, no discurso, mas ele não é marcado, não aparece com aspas ou com itálico, com uma pontuação específica, ele está presente nos enunciados, mas não está marcado, ou seja, não é visível aos olhos como seria, por exemplo, a heterogeneidade mostrada marcada.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, p. 32, 2001)

Então, os sentidos são construídos sócio-historicamente, eles não são construídos por um sujeito ou por um indivíduo empírico; “por isso é inútil do ponto de vista discursivo perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando ele disse x” (p. 32, 2001). Então, não interessa o que o sujeito quis dizer, o que interessa é que o enunciado possui significados independentemente das vontades daquele sujeito empírico. Esse enunciado tem sentido dentro de uma história de uma tradição linguística e dentro de relações estabelecidas com outros discursos, é o lugar discursivo que dá que confere a esse enunciado a sua significação, “o que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentido estão ali presentificados” (p. 32).

Orlandi (2001) continua sua explanação dizendo que “o fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (p. 32). Então esse já-dito rememorado, que é o interdiscurso, convoca elementos de outros já-ditos para atualizar elementos discursivos de um dado texto e de um dado enunciado, sustenta a possibilidade de compreensão e de funcionamento do discurso e a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. Assim:

(...) há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é o que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação. Courtine (1984) explicita essa diferença considerando a constituição – o que estamos chamando de interdiscurso – representada como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas (ORLANDI, p. 32-3, 2001).

A narrativa *O mistério da Casa Verde*, no eixo horizontal, do intradiscurso, ou seja, no eixo da formulação, apresenta traços das narrativas de mistério e das narrativas policiais. Tradicionalmente, as obras pertencentes a esses gêneros se estruturam deixando lacunas a serem preenchidas, há a omissão de dados identificadores de personagens, situações, fatos, etc., ou seja, mecanismos que causam efeitos de sentido construtores do mistério.

*– A não ser as almas penadas – riu Pedro Bola.
 – É – Artuzinho, irônico. – As almas penadas. Se você acredita nessas coisas...
 – Não sei, respondeu Pedro, meio desconcertado. – Tanta gente fala nisso...
 – É superstição – interveio Leo. – Essa história não passa de superstição.
 Leo falava pouco, mas quando afirmava algo, era definitivo. Os outros o respeitavam, porque Leo lia muito, sabia das coisas. Artuzinho, sua autoridade agora reforçada, voltou à carga:
 – Além disso, a Casa Verde não tem dono. Podemos ficar lá o tempo que quisermos.
 – Mas o pessoal das redondezas não vai gostar – ponderou Pedro Bola. – São capazes de criar caso (SCLIAR, 2004, p. 16.)*

A imagem das almas penadas construída e provocada pela fala de Pedro Bola está intimamente ligada ao senso comum e se confunde com a fala social da comunidade de Itaguaí. Como já comentamos, nessa pequena cidade, cria-se a idéia de que a Casa Verde é mal-assombrada. Essa ideia, que integra o imaginário da população local, é reproduzida por Pedro Bola. Percebemos, então, a presença do discurso do outro (comunidade) no discurso do eu (sujeito, Pedro Bola), o que configura e condiciona a heterogeneidade própria da linguagem e do sujeito.

Essas marcas de heterogeneidade também aparecem nas falas sociais: a) da política, representada pelos integrantes da câmara e de seu presidente; b) da comunidade, c) da professora Isaura, d) da ciência etc. Assim como acontece com a fala de Pedro Bola, a de Leo é tão heterogênea quanto. O narrador diz que ele era respeitado porque lia muito e sabia das coisas, o que nos leva a pensar na relação que se estabelece entre saber (ciência) e autoridade, confiança, respeito. O discurso da comunidade atravessa a conversa dos garotos:

De novo viram-se na sala gradeada, com as correntes na parede. Detiveram-se um instante: nada. Não se ouvia um som. Avançaram cautelosamente pelo corredor, chegaram à porta do “Director”. Estava entreaberta. Detiveram-se, olharam-se à luz fraca da lanterna: entramos ou não entramos? Mas então:

– Entrai.

Depois de uma pequena hesitação, Artuzinho finalmente abriu a porta. Entraram, ambos. E ali estava o homem, na mesma posição da noite anterior, a mirá-los, fixamente.

– Eu já vos esperava – disse por fim, numa voz grossa, rouca.

De novo, Artuzinho e Leo estremeceram. Mas agora já não sentiam tanto medo. Tendo falado, o homem parecia-lhes mais próximo do normal do que na noite anterior; esquisito, decerto, mas já não tão aterrorizante.

– Vós sois persistentes – acrescentou ele.

“Vós sois”? Artuzinho jamais ouvira alguém falando daquela maneira (SCLIAR, 2004, p. 27).

Nesse fragmento, aparecem algumas alusões que nos situam no texto machadiano. “Director”, as formas verbais “entrai”, o emprego de pronomes “vos”, “vós sois persistentes”. Através dessas alusões, somos deslocados ao texto machadiano de *O alienista*. Nesse momento, os garotos agem como investigadores, verdadeiros detetives que se arriscam para desvendar mistérios. Na ocasião, eles se encontram no interior da Casa Verde, um lugar que os leitores de *O alienista* talvez tenham imaginado, mas onde nunca haviam entrado, pelo menos na perspectiva de um narrador como o de *O mistério da Casa Verde*. Estar dentro do velho hospício e remexer o oco de um signo indicial-alusivo que estabelece pontos de contato, aliás, que liga o presente ao passado, a história de *O mistério da Casa Verde* à de *O alienista*, o autor ao leitor, o personagem ao leitor, a personagem à personagem, é estar, como leitor, inscrito. Através desse monumento alusivo instaurador de movimentos alusivos, somos deslocados, enquanto leitores, para outros universos. A descrição da sala gradeada, com correntes na parede também orienta nosso olhar leitor para aspectos da história da loucura. Dentro desse monumento, há outras alusões como o bisneto de Bacamarte, sua fala (uso de pronomes e formas verbais à maneira de seu bisavô), o aspecto físico da casa. O interdiscurso é aquilo que já foi dito, mas que pode ser retomado pelo trabalho da memória. “O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que nossas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (ORLANDI, p. 33, 2001), por isso “é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. No interdiscurso, diz Courtine (1984), fala uma voz sem nome” (ORLANDI, p. 34, 2001).

Essa voz sem nome que fala no interdiscurso, ou silenciada, ou dissolvida entre os diversos falares sociais, é aquilo que a produção teórica da terceira fase da Análise do Discurso de linha francesa chama de inconsciente, de Outro. Então, nosso discurso não faz sentido porque falamos, sujeitos empíricos que somos, ele faz sentido porque essa fala usada, esse discurso presente em nossa elaboração enunciativa é um discurso já trabalhado, já elaborado, já pronunciado por outros sujeitos empíricos, em momentos dados, em condições específicas, que significaram ao longo da história, se dissolveram, se dispersaram nas malhas enunciativo-discursivas e agora caíram no anonimato. Esse anonimato, esse esquecimento e esse já-dito se confundem com outros que estão sendo ditos agora e é isso que vai promover esse caráter heterogêneo do discurso. Por isso, o interdiscurso é uma condição *sine qua nom*, isto é, fundamental, básica para a heterogeneidade; porque se não fosse o interdiscurso, não haveria a heterogeneidade e, se não fosse a heterogeneidade, não haveria a possibilidade do jogo alusivo defendido por Torga (2001) em *Movimento de sentido da alusão: uma estratégia textual da leitura de “Ler, escrever e fazer conta de cabeça”, de Bartolomeu Campos Queirós*. É preciso, por isso, “construir escutas que permitam levar em conta esses efeitos e explicitar a relação com esse “saber” que não se aprende, não se ensina, mas que produz seus efeitos (ORLANDI, p. 34, 2001).

4 CONCLUSÃO

Nesse processo de diálogo permanente entre as teorias e as obras e entre estas e aquelas, emanam as relações interdiscursivas. Por isso, e para retomar o conceito de alusão como estratégia dialógica de leitura, concordamos com Brait (2005) quando afirma que:

o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem (BRAIT, 2005, p. 95).

Assim como acontece um diálogo entre as obras aqui investigadas e as teorias segundo as quais nos orientamos e entre as teorias e as obras *O mistério da Casa Verde* e *O alienista*, um outro diálogo se dá entre discursos e interdiscursos que se fazem presentes, de alguma forma, nas obras literárias que estamos estudando e nas teorias em que nos fundamentamos. Teorias e obras, juntas neste trabalho, se articulam e dialogam entre si para o acontecimento da alusão como estratégia de leitura de *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*. Sendo assim, concordamos com Brait (2005) quando ela afirma que “o

dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos” (p. 95).

5 REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **O alienista**. 22ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: ORLANDI, Eni Pulccineli; GERALDI, João Wanderley. **Cadernos de Estudos Lingüísticos 12: O discurso e suas análises**. Campinas, Campinas. Jul/dez de 1990.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de estética**. São Paulo: Hucitec, 1980.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e ensino**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica/FALE-UFMG, 2005.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

ORLANDI, Eni Pulccineli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

SCLIAR, Moacyr. **O mistério da casa verde**. São Paulo: Ática, 2004.

TORGA, Vânia Lúcia Menezes. **Movimento de sentido da alusão: uma estratégia textual da leitura de ler, escrever e fazer conta de cabeça, de Bartolomeu Campos Queirós**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001.